

A red pushpin is pinned to a map. The map shows various colored lines representing roads or paths. The text is written in a white, hand-drawn style. The background is slightly blurred, showing other pushpins in blue and yellow.

FINALIZANDO A VOLTADA NO MAPA
UM NOVO TRAJETO SE INICIA



O RECOMENÇO

PHY

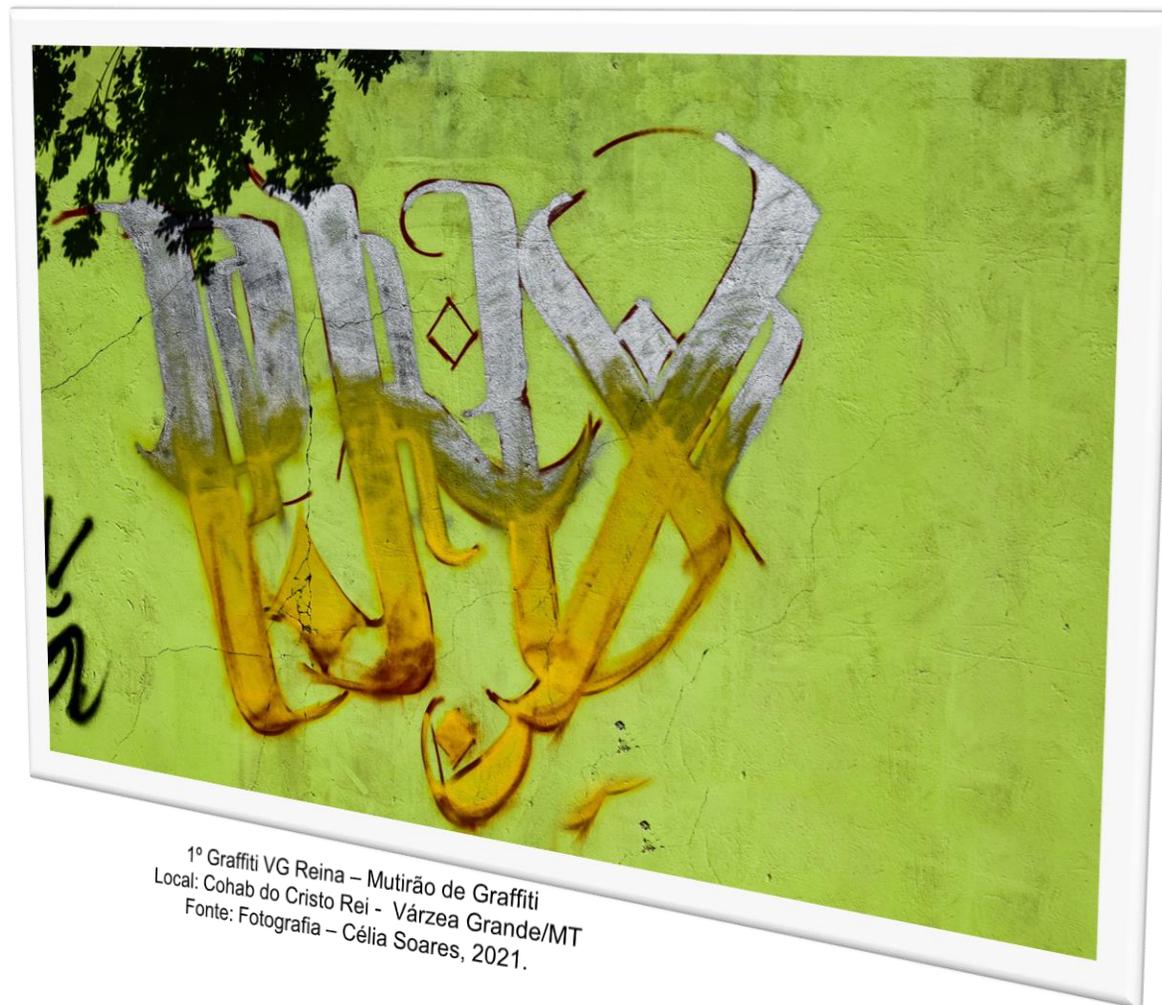
PEDRO HENRIQUE FERREIRA ALVES

*“O Presto foi meu padrinho.
Ele foi o primeiro cara que me
deu uma lata da NOU, uma
latinha de grafite mesmo, que
eu não sabia nem usar, e me
ensinou a usar”*

Discreto e silencioso, um jovem artista Várzea Grandense chega devagar, quase imperceptível na cena da arte visual de rua cuiabana, até o momento em que os desenhos e as cores que surgem da sua lata de *spray*, entregam um novo potencial no grafite renascendo com uma atual geração dando continuidade ao ciclo iniciado lá nos fins da década de 1980.

Pedro Henrique, o P.HY, apesar de ter a maioria de seus grafites produzidos na cidade vizinha Várzea Grande, foi em Cuiabá que recebeu, e recebe, aprendizado e apoio dos artistas locais. As duas cidades são igualmente importantes para o desenvolvimento da arte que deseja fazer. Uma pelo apoio profissional, e a outra pela segurança pessoal e emocional.

A trajetória artística de uma artista com apenas vinte e dois anos já descreve e apresenta um mapa leal ao curso reto das letras com as quais assina seu nome. Os locais geográficos onde viveu experiências artísticas formam um desenho em longas linhas retas que evocam as linhas das letras P, H e Y, da sua *tag*. Os traços retos lembram que ainda não houveram muitas curvas em sua jovem história - a ser contada futuramente com outros mapas construídos. A escolha íntima pelas letras iniciais com as quais assina a sua presença nas obras, se transforma em um movimento inconsciente de respeito por aqueles que vieram antes, pelo fato de sugerir, iconicamente, formas simples e diretas (retas), tradutores de um percurso artístico e de vida ainda em construção, com um mapeamento aberto e preparado para receber muitas curvas.



1º Graffiti VG Reina – Mutirão de Graffiti
Local: Cohab do Cristo Rei - Várzea Grande/MT
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.



1º Graffiti VG Reina – Mutirão de Graffiti
Local: Cohab do Cristo Rei - Várzea Grande/MT
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.

EM VÁRZEA GRANDE - AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

"Acho que em Mato Grosso o grafite já não é forte, como ele é, mas em Várzea Grande ele já era mais fraco porque o rolê do Hip Hop, do underground, sempre ficou mais pra Cuiabá, então o pessoal daqui [Várzea Grande] sempre saiu pra Cuiabá pra participar do rolê, tanto o MC, o DJ, o grafiteiro, sempre teve pra lá porque o pessoal já se organizava lá desde muito tempo, mas aqui sempre foi uma coisa ... digamos assim, fraca né, quase não teve. Eu fui ter contato quando teve o Ocupa Cristo Rei Skate Park, que começou com uma iniciativa dos skatistas quando tinha a pista de skate do [bairro] Ipase, e a prefeitura decidiu acabar com a pista, aí ela demoliu a pista toda. Aí nisso, em protesto, os skatistas reuniram e foram lá pra Praça do [bairro] Parque do Lago, que é aqui perto, montaram uma pista improvisada de madeira, com coisas que eles achavam, e aí nisso começou já o movimento, só que não ainda não era como o Ocupa Cristo Rei Skate Park. A prefeitura foi lá e tentou acabar também com essa pista, porque ela dizia que era irregular e tal, e conseguiu. Nisso, tinha o Ferreirão. Ferreirão é um ginásio aqui do [bairro] Cristo Rei, muito conhecido, que já teve vários jogos nele, mas depois de um tempo ele ficou abandonado, aquela velha ... abandono da prefeitura ... se eu não me engano ele tava há dez anos abandonado, o Ferreirão, tava fechado, tava lá, abandonado, jogado, cheio de lixo. Quando eles acabaram com a pista aqui, os skatistas falaram 'vamo ocupar o Ferreirão'. Já tava começando uma coisa assim de ocupação, que já vinha de São Paulo, né, uma ocupação de escola, ocupação de prédios de prefeitura ... aí eles falaram, 'vamo ocupar o Ferreirão'. E nisso aí foi o Santiago, o Alemão, foi mais um pessoal das antiga do skate, que tomaram iniciativa, invadiram o Ferreirão, como se fala, limparam, porque lá só sujeira né, mais de dez anos abandonado, limparam tudo e começou uma reforma. A ideia era construir uma associação de esporte, cultura e lazer pra Cristo Rei, só que voltado pro Hip Hop né, pro skate, pro rap, pro grafite, só que a prefeitura sempre os deixava de lado né, e nisso foi acontecendo o Ferreirão. Aí, com ajuda, eles chamaram outros pintores, outros grafiteiros, foram lá e grafitaram tudo, chamaram o pessoal que tinha nosso amigo que era soldador, foi lá e fez alguns trabalhos de solda, o Xelão, que sempre ajudava na energia, ele que fez a energia pra voltar o Ferreirão de novo, então sempre foi coisas com ajuda da comunidade, que a gente conhecia, um na eletricidade, um na solda, um na pintura, e foi formando. No final do verão a gente tinha uma pista de skate improvisada, tinha metade de uma quadra de basquete, pintada no chão que nós pintamos, fizemos a marcação, tinha ping-pong pra criançada, ia muita criança jogar ping-pong, tinha aula de zumba, aula de capoeira, tudo assim, arrumado, era um professor que a gente conhecia, da UFMT por exemplo, que dava aula de inglês ..."

EM CUIABÁ - OS PRIMEIROS GRANDES CONTATOS



2º Mutirão de Graffiti Cuiabresa
Local: Praça CPA III – Bairro Morada da Serra
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.

"Quando eu comecei a fazer grafite a primeira coisa que eu aprendi foi o olho, então eu desenhava o olho das pessoas, depois arara. Aí, no movimento do Ocupa [Ocupa Cristo Rei Skate Parque] quando teve um evento que ia chamar os grafiteiros, o Santiago chamou o Presto, que já grafitava. O Presto ele é o regente do CPA Crew, que é um grupo de grafiteiros do [bairro] CPA, formado pelo finado Overdose, que foi um grafiteiro muito grande pra começar tudo isso aqui, que era aquele cara que realmente tinha uma ideia de passar o grafite, essa ideia que a gente tem chegar aqui fazer um mural, com vários grafiteiros, todo mundo, se a gente puder proporcionar tinta pra eles pintarem, proporcionar comida, bebida, então foi o primeiro cara, o Overdose. Nisso veio o Presto. Quando eu comecei a pintar no Ocupa, o Presto colou lá e ele falou, 'vamos fazer um colab'. Colab é uma junção, dois artistas no mesmo painel. E nisso eu fiz um índio, eu já tava treinando né, faz tempo, eu já tinha entrado, assim, num modo que queria realmente aprender, então tava treinando fazer fisionomia das pessoas, fazer nariz, boca. Nisso eu fiz um índio no meio e ele escreveu "CPA" do lado. Aí o Presto me chamou pra participar da CPA Crew, a Crew é um grupo de grafiteiros que assina a grife, que no caso é a CPA Crew, depois de um tempo eu aceitei, então, o Presto é meu padrinho no grafite. Todo o rolê que tinha grafite ele me colocava, ele falava, 'vai lá que eu vou dar um espaço do meu pra você, dou a tinta da minha'. Muitas vezes ele lançou tinta pra mim, lançou painel pra mim. O Presto é uma pessoa que eu tenho muito carinho dentro do grafite, uma das poucas pessoas que me colocou mesmo de frente! Nisso eu comecei a desenvolver nos rolê, o meu grafite e trazer pra cá [Várzea Grande], mas, pra cá não tinha muito evento, só tinha o Ocupa e o Ocupa fazia pouco evento. O ocupa é só um, e lá tem vários eventos, várias pessoas que fazem eventos que rola, grafite, Hip Hop, que rola DJ, que rola MC, então essa que é a questão, a gente sempre migrou pra lá, pra fazer os rolê lá, porque lá já tinha essa coisa de cultura, de ter a coisa do Hip Hop, ter tipo o Verdinho que é uma coisa cultural, tinham várias bandas que tocavam lá, vários eventos. O Presto, o pessoal sempre me deram mais oportunidade em Cuiabá".

"Não tem rixa, a rixa vem do caráter. Se eu atropelo a tag do outro, passo por cima do outro, aí sim tem um desrespeito, mas se eu colaboro, faço a minha no meu canto, você vai ser agregado, entendeu. É só questão da pessoa mesmo não querer se sobressair dos outros, não querer ser maior que os outros. É daí que sai a rixa, tal pessoa não gosta de tal pessoa, aí atropela [o trabalho da] a pessoa, ou num evento fica de picuína, daí é coisa de caráter, não coisa de, 'ele é de Cuiabá eu sou de Várzea Grande', isso não tem nada a ver, é coisa de caráter, justamente isso".



Intervenção Centro Histórico
Local: Rua Voluntário da Pátria – Centro Norte
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.

ESCOLHAS E IDENTIDADES

"Na arte é difícil, porque, por mais que você faça um trabalho bom, não quer dizer que você vai já ganhar dinheiro de cara, entendeu, isso aí já tem todo um marketing, toda uma conversa diferente, desde o seu comportamento, que aí se você quer cobrar um preço bacana pra você, se você quer cobrar um preço alto, né, você tem que envolver pessoas que tem dinheiro né, porque ... é o que eu passo aqui, muita gente na cohab quer fazer mas não tem dinheiro nem do material né, então assim, acaba que você tem que ir nas pessoas que tem o dinheiro, que tem o poder pra chegar e falar, 'não, eu dou aqui mil reais pra você fazer um paredão', sem dó entendeu, isso aí é difícil achar. Por isso que, ou você se alinha nessa caminhada de ser um artista assim, de visual, pro pessoal vê que você é um artista, vê que você é famosinho e tal, ou você fica na sua uai! Se você for fazer grafite na rua, se você for pintar igual nós pinta ... igual o Presto mesmo, o Presto é um cara que tem um potencial muito grande, mas ele não alcança o valor que ele tem, por quê? Porque ele tem que se adaptar a quem tem dinheiro e ele não quer, entendeu. Ele quer viver a vida dele do jeito que é, humilde, fazendo o trampo dele. Eu acho que eu sou o mesmo caminho, assim mais ou menos, dele, na arte, eu não consigo me adaptar de uma forma de eu ser um artista exemplar assim, um artista que tem seu visual pontual, tem toda aquela máscara que você se veste para as pessoas te aceitarem né, eu não tenho, é essa coisa aqui que você tá vendo, é short, é regata, jogado, eu não consigo me vestir bem vestido, não consigo ir num lugar assim, que as pessoas são cultas, entendeu, e aí você tem que se adaptar a isso pra você, digamos assim, ganhar dinheiro. E quem vai ter dinheiro quer uma pessoa, não só um trabalho bom, mas uma pessoa também que tenha uma presença, aí ela não vai pegar uma gurizada igual o menino ali, todo tatuado, um boné virado, e a pessoa fica assim, de segundo, entendeu, as pessoas têm esse meio preconceito por mais que seu trabalho é bom, mas ela vê o seu visual, o estilo de vida, e ela acha que pode dar alguma coisa de ruim, pode ser um atrapalho, assim, no trabalho dela. É difícil viver de arte, sinceramente, de grafite principalmente. O grafite, você quase não vendo ele, muitas poucas pessoas que chega e fala 'eu quero um grafite, eu quero uma letra daquela'.

ARTE DESPERTA POR CURIOSIDADES ESPIRITUAIS ANCESTRAIS

"Quando eu me apaixonei por arte, eu lembro que foi nas aulas de artes, primeira vez que eu tive aula de artes que não era só pintar. A professora começou a entrar na história da arte, e nisso ela entrou na história do Egito, e o Egito é um grande pioneiro tanto na parte do construção quanto na arte né, e as grandes construções que eles fizeram, grandes artes que eles fizeram naquela época. E quando eu fui vendo tudo isso na história do Egito, vendo como eles faziam aquelas artes tão ... tão quase perfeitas né, na proporção tão bem feita, isso me encantou, porque eu já tenho esse negócio de religioso já faz tempo, assim, de ser fascinado por histórias, eu estudo a história do Egito, eu estudo a história dos Sumérios, eu estudo a história da Grécia, assim, sempre curioso na parte religiosa, e quando eu vi que a arte tava sempre nessas partes, tanto nas esculturas, quanto na pintura, quanto na arquitetura, sempre teve, e eu ficava fascinado assim, como esse pessoal fazia aquilo naquela época, sem a tecnologia que a gente tem, sendo que muitos não fazem nessa época e eles faziam naquele época. Tem todo um estudo, um Faraó que era mais que um Rei, era visto como uma divindade, ele trazia essa coisa da arquitetura, ele trazia toda a proporção já feita, então, tipo assim, ele tinha o estudo daquilo, das pirâmides, as pirâmides não foram por nada. As grandes tumbas que eles fizeram com armadilhas, com labirintos, tudo feito em rocha, tudo feito na pedra. Uma vez eu vi um templo Maia que era feito num penhasco, o penhasco acabava e o templo entrava na pedra, e era tudo feito da pedra do penhasco, então você olha e fala: nossa, como que esse pessoal fez isso nessa época, sendo que hoje é difícil de fazer".

"EU GOSTO MUITO E RETRATO MUITO NA MINHA ARTE É A ESPIRITUALIDADE"

"Tem muita história do brasileiro envolvida, tá viva muita coisa que a gente viveu, e a gente chega na Umbanda e vê e você fala: pô, minha avó falou isso, minha avó fazia isso, e é uma coisa que tá sincretizada já faz tempo, na verdade foi se perdendo, foi separando mas, quase tudo, samba, pagode que a gente ouve, comida que a gente come, manias, por exemplo, é, tomar um chá de boldo, tomar um chá de ... que sua vó fala, tudo isso foi ensinamento que veio da Umbanda, que veio da Jurema do Catimbó, que veio desse espaço aí, entendeu, que eram os curandeiros antigamente, os mais velhos. Eu lembro até hoje minha mãe me levando na benzedeira, tinha nem noção o que era uma benzedeira, mas ia na benzedeira toda semana, aí nessa benzedeira ela via arca caída, via o peito aberto, coisa que, depois de crescido eu vi que na ciência realmente tem um significado e realmente tem aquilo ali, que é estralar as costas, fechar o peito, fechar o pulso, realmente eles abrem. E é coisa que depois eu fui entendendo, depois que eu fui abrir o olho assim, tudo acabava na Umbanda. Eu falo Umbanda porque ela agrega várias religiões que tenham o seu fundamento, né, amor e caridade, amor ao próximo, e é esse o fundamento da Umbanda, quem tiver nessa linha, ela agrega, puxa".

O PRIMEIRO DESENHO DE GRAFITE

"Eu sempre fui de desenhar na sala de aula, essa coisa de desenhar no caderno. Aí eu vi que eu consegui fazer umas letras, como a gente fala, em 3D, no lápis, aí eu falei pra eu mesmo: será que eu consigo fazer na parede? Eu comecei a fazer no meu quarto. No meu quarto eu fiz assim, escrito, naquela época eu andava de skate, eu escrevi skateboard, com aquela sombra do grafite, com uma asa. E assim, na minha concepção naquela época, ficou tão bom que eu vi que eu tinha um potencial pra aquilo. Eu tinha uns 14, 13 anos, e os primeiros sempre foram no meu quarto, aí depois eu pesquisei, porque eu não tinha dinheiro pra comprar tinta, principalmente quando você começa, você não tem aquela posse assim, eu vou comprar tinta, eu vou fazer uma arte porque, pra você, você não sabe né, não sabe de nada, ainda tá começando então você vai comprar uma tinta pra quê. Aí eu aprendi a fazer tinta de argamassa, cola, água e bishnaga. Aí uma argamassa de vinte reais eu fazia um baldão de tinta, ela só não é resistente a sol e chuva, mas quando eu fazia no meu quarto, já foi um treinamento muito grande pra eu iniciar, entendeu, porque ali eu comecei a misturar as cores, jogava bishnaga de tal cor, tal cor e eu via, falava: pô, aqui dá tal cor, essa cor aqui dá pra fazer tal arte. Mesmo que na hora não servisse, mas depois eu lembrava falava: pô, amarelo e verde dá um verde folha ... Então, experiências da pintura eu fui ganhando fazendo essa tinta".

**DONA ISAURA,
O PORTO SEGURO DE UMA NAVEGAÇÃO INICIAL
A PONTA NO MAPA QUE ASSEGURA EXISTÊNCIA AO
MAPEAMENTO ARTÍSTICO**

Antes mesmo de começar a contar sobre seu trabalho e história com a arte grafite, Pedro Henrique citou carinhosamente o nome de Dona Isaura, como a pessoa responsável pela ajuda que o trouxe àquele dia. Estava acontecendo o primeiro encontro de artistas visuais e grafiteiros organizado pelo jovem artista. O almoço para a galera e o muro para a criação dos artistas foram cedidos por Dona Isaura, que além de acolher sem pré-conceito algum, é dona do olhar mais artístico entre todos, porque vê o que há de melhor escondido nas roupas simples do artista P.HY e de outros daquele local, e mesmo sem tintas nas mãos, sua atitude se torna a própria manifestação da arte na vida, através da oportunidade que oferece apenas permitindo que a expressão seja respeitada como um início libertador e promissor.



Cartaz do evento realizado pelo artista P.HY.
Fonte: Rede social do artista, 2021.

"Desde a minha infância ela [Dona Isaura] me apoiou com tudo, e tudo o que podia. Ela já acolheu minha prima quando tava sem casa, sem moradia, numa situação ruim, tava envolvida com malandragem, e mesmo assim ela ajudou, ela nunca teve preconceito, porque a maioria dessa rua aqui sempre foi gurizada envolvida com o "corre", mas ela nunca foi uma pessoa de discriminar quem era e quem não era, entendeu. Morou muita gente na casa dela que ela criou como filho, muita gente que ela colocava pra dentro de casa, dava comida. Todo mundo chamava ela de vó, 'bença dona Isaura'. Com o grafite ela me apoiou quando eu comecei né, porque no começo ninguém coloca fé, até ver seu trabalho, aí, ninguém tinha visto um trabalho meu, eu não tive a oportunidade de fazer um trabalho grande, algo que desse relevância. Nisso ela [Dona Isaura] liberou o muro da casa dela, eu comecei fazendo lá, pedaço por pedaço".



Dona Isaura, imagem realizada na entrevista com o Artista PHY - Várzea Grande/MT
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.

"Quando eu comecei ninguém acreditava, 'ah, ele vai fazer algo bonito', não. No começo no grafite é assim, qualquer estilo de arte, qualquer trabalho né, quando você começa ninguém coloca uma fé em você, e ela [Dona Isaura] colocou, ela mais que prontamente falou, 'pode fazer'. Ela arrumou um pouco de tinta, um pouco de bishnaga pra mim também. É um carinho de vó, a gente ficava na frente da casa dela, jogava bola, e ela acolhia a gente, uma pessoa carinhosa que se preocupa, ela brincava com a gente, nunca teve preconceito de qualquer coisa que a gente fizesse".

"Ela nunca teve essa coisa assim de falar, 'eu não me envolvo com tal pessoa. Ela sempre falou pra gente, 'eu quero amizade com todo mundo, quanto mais amizade eu tenho menos inimigo eu tenho'. Então isso ficou marcado comigo, entendeu, porque o que ela tiver pra ajudar, na hora ela vai ajudar".



Muro casa D. Isaura, Graffiti PHY
Fonte: Rede social do artista, 2018.

COM A PALAVRA, DONA ISAURA

Dona Isaura: “A primeira vez que ele [P.HY] veio fazer o meu muro ele falou comigo, ‘dona Isaura eu queria fazer as pessoas não deixam, a senhora deixa?’, eu falei: deixo. Quando ele começou a fazer os vizinhos começaram a ligar pra mim, ‘dona Isaura, tá pichando o muro da senhora!’, eu falei: não, deixa pichar. Aí vizinho vinha bater palma, ‘oh, tá pichando o muro, e tal...’, eu falei: não está pichando, ele é um artista, ele está expressando ali o sentimento dele, se você olhar bem você vai ver alguma coisa, ele não é um pichador, ele é um artista. E não existe segundo sem primeiro, existe segundo sem primeiro? Alguém tem que dar chance pela primeira vez. Aí eu deixei ele fazer. Nossa! e o povo passava e fotografava, batia palma perguntando quem tinha feito, eu falava: um amiguinho meu que fez. E perguntavam onde ele morava, pediam o telefone dele. Mas não deu outra, logo veio gente me perguntar, um homem ia montar uma tabacaria, quis o telefone dele pra ele ir lá fazer a frente da tabacaria, e ele fez, um fundo preto e fez os desenhos, ficou divino, ficou muito lindo. E os vizinhos achando que ele era pichador. Não, ele é um artista. **Eu na minha concepção, aos 67 anos, eu vejo isso como uma arte, mas eu também já vi como pichação. Mas aí, graças a Deus eu tive a sorte de ter cultura, de evoluir, eu não andei pra trás, eu andei pra frente. Hoje não, hoje eu vejo como uma arte, porque eu vou lá olho e vejo uma coisa, amanhã eu volto olho denovo e vejo outra coisa, eu acho divino, eu acho ... uma arte!** Então eu acho que todo mundo devia deixar esses meninos começar, começar porque é daí que nasce um profissional, um artista, porque na verdade eles não são pichadores, eles são grafiteiros eles são artistas. Eu tenho maior prazer em fazer uma panelada de comida e deixar eles fazerem o que eles quiserem, depois eu vou lá olhar e apreciar, rrsrsrs”.

“As crianças chegavam e já sentavam no chão: o que vocês querem? ‘Eu quero arroz com ovo fito [frito]’. E eu servia arroz e fritava ovo pra eles, a mãe deles trabalhava, ficavam aqui até a tardezinha. E as crianças gostavam de ficar aqui. Um dia eu contei tinha 17 crianças aqui em casa. Todo mundo toma bença até hoje. É muito gratificante”.

“Se eu não posso fazer o bem, o mal também não. Eu sempre falo: filho, o que você tem pra hoje é isso né, mas amanhã você procura outra coisa pra você fazer, estuda. Porque todos somos inteligentes, depende de explorar nossa inteligência, não tem ser humano burro, todos somos inteligentes, só depende de ter oportunidade e explorar nossa inteligência. Mas às vezes por algum motivo nós somos fracos, por algum motivo a gente se joga nas coisas erradas, se joga debaixo de uma ponte, vai morar embaixo de um viaduto, mas, de repente, se aparecer alguém, dá a mão, aquele carvão vira diamante, **e o Pedro é um diamante porque ele é artista**”.



Dona Isaura, imagem realizada na entrevista com o Artista PHY - Várzea Grande/MT
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.

O GRAFITE ENSINA

"O grafite no Brasil ele tem essa coisa de se modelar, conforme o que tem, então às vezes a gente usa pincel, às vezes usa spray, às vezes usa uma esponja que cê tem, então o grafite não é uma questão de pintar com spray, mas sim, essa energia de você sair pra pintar, você colocar sua cara no mundo. Não é você ficar, tipo, atrás de quadros, de museus, é você chegar num muro e pintar. O vandal vem disso, a gente defende o vandal, porque o vandal ele é essa energia de você chegar e se expressar independente se a pessoa quer ou não, entendeu. Eu chego ali faço minha letra, faço minha persona, do jeito que eu quero, do jeito que dá, muitas vezes, tipo assim, não tenho uma graduação de cores, um vermelho claro, um vermelho escuro, às vezes tenho um restinho de um vermelho spray, um azul de látex, e é isso, tenho que me virar com isso. Então o grafite me ajudou também nisso, de me virar com pouco. Já chegou épocas que eu saí com um pingo de látex, na garrafinha e um pincel, e consegui fazer uma caricatura com calligraphy, coisa que foi até pro flyer do evento de Alta Floresta, coisa que eu fiz com uma garrafinha e um pouquinho de tinta. Então grafite é isso, é sair com o que você tem e fazer o que você pode".



Caricatura com Calligraphy.
Arquivo pessoal do artista, 2019.



Flyer evento de grafite de Alta Floresta.
Arquivo pessoal do artista, 2019

"Às vezes as pessoas falam, 'ah, por que que sua persona é roxa, por que que sua persona é desse jeito?' Eu falo: cara, isso aí é o que eu tenho de material. Se eu tenho um roxo e uma bisnaga preta, eu vou lá e faço um rosto roxo. Eu não tenho cor de pele mas eu quero mostrar minha arte. E isso acontece muito com o artista, é daí que surgiu todas essas variações de arte. É o cara ter o que tem, uma tinta ali, uma tinta aqui, e pegar e falar, 'é isso mesmo, eu vou fazer a pessoa é assim mesmo, dessa cor mesmo e é isso, e acaba até sobressaindo né".



1º GRAFFITI VG REINA
MUTIRÃO DE GRAFFITI
COHAB DO CRISTO REI - VÁRZEA GRANDE



1º Graffiti VG Reina
Mutirão de Graffiti – Cohab do Cristo Rei/VG
Fonte: Fotografia – Célia Soares, 2021.



O primeiro mutirão de graffiti idealizado e realizado pelo artista P.HY, o 1º GRAFFITI VG REINA, aponta para um movimento de expansão dessa arte em duas direções. Uma, mais abrangente, observa certa maturidade e atitude já vindas de um dos mais jovens integrantes da cena do grafite em Cuiabá. O recomeço está fortalecido e a continuidade desta arte visual de rua é apresentada como um desejo sem impedimentos para se manifestar. A segunda direção se relaciona com a própria identificação pessoal e, em certa medida, com sua individualidade, pelo local da realização; bairro onde cresceu e recebeu ajuda e apoio fundamentais para as conquistas até aqui. Movimentos de pequenos deslocamentos geográficos - por se concretizar na cidade de Várzea Grande mesmo tendo recebido instruções, práticas e visibilidades maiores em Cuiabá - com grandes significados de expansividade para a arte grafite.

"Esse evento, essa vontade, desde a minha trajetória, de engrandecer o grafite aqui em Várzea Grande, porque como sempre foi os rolê mais pra Cuiabá, aqui sempre ficou pra trás né. Então, esse mutirão de grafite ele não vai ser só um, ele não vai ser só aqui, ele vai ser vários nesse ano, então vou tentar pegar todos esses murais que tenho eu aqui em Várzea Grande, aqui perto, e pra fora o que eu não tenho, assim, que eu vou conseguir ainda. A minha ideia com o mutirão é justamente abrir mais caminhos pro grafite em Várzea Grande, pra gurizada nova ter uma referência, como eu tive, que foi essa trajetória de começar pintar com tinta caseira, do jeito que eu podia, até a hora que eu tive a oportunidade de pintar num evento, de levar tinta. Até um evento que eu fui que tinha tinta já, que tinha um kit e já tinha 10 latas de spray pra gente. Minha trajetória, o que eu quero, nem é tanto assim, viver da arte, mas crescer a arte aqui no meu bairro, aqui em Várzea Grande, que mais crianças, que mais adolescentes tenham essa convivência com o grafite pra que eles possam pensar 'sim, eu realmente posso virar um grafiteiro, eu posso fazer grafite'. Porque o que falta é isso, o que falta é o elo entre a pessoa querer e ter oportunidade de fazer. Desde a época que eu comecei pintar, que eu comecei entrar nos eventos, sempre teve a ideia com o Presto de fazer eventos aqui em Várzea Grande, fazer grafite, tanto que o Ocupa [Ocupa Cristo Rei Skate Parque] fez o dia das crianças na praça principal da Manga [bairro Manga], lá tá toda grafitada, foi a gente que grafitou. O Ocupa fez no Ferreirão, o Ferreirão era todo grafitado. O que me ensinou muito o Ocupa, foi isso, foi essa solidariedade, assim, a gente saía pra colher alimento, arrecadação, com o pessoal do Cristo Rei, então a gente ia com ofício do nosso grupo, e o pessoal pedia. Então tudo sempre foi feito assim com o apoio da comunidade, de quem queria fazer de quem queria ajudar, e a gente coloca todo mundo pra fazer, entendeu".

"É mais legal você chamar outra galera e ter um mural de vários artistas do que você ter um só seu, entendeu"

"Aqui em Várzea Grande, não é que eu não tive oportunidade, mas eu tive que gerar essa oportunidade, na verdade, criar essa oportunidade, diferente de lá [Cuiabá] que já tinha tudo pronto, só pra eu me encaixar no meio deles. Tanto que a maioria desses artistas aqui nesse evento, são de Cuiabá, porque em Várzea Grande tem poucos. Tem o Binho, o Santiago, mas são galera assim, da old school, das antigas, que já pararam de pintar nas ruas".

EXPECTATIVAS COM O PRIMEIRO E EVENTO

"Eu espero justamente gerar mais grafiteiros em Várzea Grande, gerar estrutura dessa cultura em Várzea Grande, que tenha mais pessoas que olhem, vejam e falem, 'eu quero ser grafiteiro, eu quero fazer grafite', por mais que não trabalhem com isso, mas eu quero ver mais pessoas de Várzea Grande tendo iniciativa e falando, 'eu quero ser grafiteiro, eu quero ser artista, eu quero fazer também', é isso que não tem muito em Várzea Grande, que eu visei, por isso que eu puxei os eventos. Porque tinha em Cuiabá, várias pessoas queriam ser grafiteiros em Cuiabá porque já tinham vários eventos rolando, então, vários eventos estimulam a pessoa que quer e não tem oportunidade, não tem um caminho. Aqui [no evento] é o lugar onde a pessoa, por exemplo o Danilo, a gente encontrou ele no mutirão passado no [bairro] CPA, foi a primeira vez que eu encontrei ele, e ele já tá pintando aqui, e vai seguir com a gente por um bom tempo, entendeu. Então é uma pessoa que a gente achou, que não tinha noção nenhuma de como entrar. As pessoas têm noção de como fazer mas não tem noção de como entrar, assim, de onde tem tinta, onde rola os eventos, onde tá o pessoal do grafite. Eu era assim, eu não sabia nada, não sabia onde tinha tinta, não sabia onde tinha o pessoal, os eventos pra eu ir, e aí depois que o Presto começou me chamar que eu comecei a ver onde tinha tudo. É isso que eu quero proporcionar, que as passam e vejam e falam, 'eu posso fazer também'.